

## O desenvolvimento do background em narrativas de crianças de 4 a 9 anos

A. M. S. Zilles e S. P. K. Pereira – UFRGS

### PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- REGO, Luís do. **Obra Poética**. 1995, 370p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL

Fone/FAX: (051) 320.35.23

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

E-mail [edipucrs@music.pucrs.br](mailto:edipucrs@music.pucrs.br)

Investigamos o desenvolvimento discursivo de crianças de 4 a 9 anos, centrando-nos em narrativas orais a partir de seqüência de gravuras. Interessa-nos examinar a expressão do *background*, comparando a complexidade do discurso infantil com a do discurso do adulto.

### Fundamentação teórica

Segundo Bardovi-Harlig (1995:265), a narrativa pode ser definida como um texto em que o falante conta eventos reais ou fictícios em sua ordem de acontecimento (real ou suposto). Como estudamos narrativas orais, produzidas por solicitação de um interlocutor, preferimos falar em seqüência discursiva, e não em texto.

O estudo do discurso narrativo pode concentrar-se na análise das seções da narrativa, conforme Labov (1972). Mas pode-se, também, examinar a organização da narrativa em dois planos: o *foreground* (FG, linha principal da história, que contém os eventos narrados) e o *background* (BG, informações de suporte aos eventos principais).

O FG apresenta os eventos que pertencem ao esqueleto da história (Hopper, 1979, p. 214) e consiste de orações que fazem o tempo e a história avançarem (Labov, 1972). O ponto de referência temporal de qualquer evento do FG é concebido como sucedendo

o do evento que o precede. Este é o critério decisivo. Mas, segundo Bardovi-Harlig (1995, p. 266), devem-se considerar, também, o status da informação (que deve ser nova no *FG*), o caráter pontual dos eventos narrados e sua perfectividade. Do ponto de vista temporal, os eventos do *BG* estão fora de seqüência em relação aos eventos do *FG* e a outros eventos do próprio *BG*. A mesma Bardovi-Harlig (1995, p. 266) ressalta que o *BG* desempenha diversas funções: suas orações podem contribuir para a interpretação de um evento narrado por revelar um evento prévio, por predizer o resultado de um evento, ou por avaliar uma ação relatada no *FG*.

A complexidade de funções do *BG* sugere que sua expressão envolva grande diversidade de recursos, ao contrário do *FG*. No *BG*, usa-se maior diversidade de tempos verbais: em português, o pretérito imperfeito, mas também o mais-que-perfeito, o futuro do presente, o futuro do pretérito, os tempos do subjuntivo e as construções progressivas. No *BG* aparecem as orações coordenadas e subordinadas, especialmente as relativas, as orações reduzidas, as construções passivas. Já o *FG* se caracteriza pelo uso predominante de pretérito perfeito, ainda que possa conter, também, o presente do indicativo. Quanto às orações, predominam as simples e as principais. Preferentemente, usa-se a voz ativa.

Do ponto de vista da aquisição da linguagem, o que é preciso para que a criança compreenda as funções do *BG* e assim incremente suas narrativas? Um aspecto importante parece ser a necessidade de levar em conta o interlocutor, seu estado de conhecimento, suas necessidades comunicativas. O desenvolvimento do *BG* põe em relevo o caráter interacional do discurso narrativo. É em atenção ao ouvinte que o falante apresenta orientação, identificação, explicação e avaliação, destacando, assim, a relevância da história.

Como a expressão do *BG* pressupõe que a criança, além de lembrar e relatar eventos em seqüência, realize uma série de operações complexas, como são os julgamentos, a avaliação, as comparações, as hipóteses, as relações causa-conseqüência, é razoável supor que seja social, cognitiva e linguísticamente mais complexo e, portanto, que seja de desenvolvimento mais tardio do que o *FG*.

Dos estudos sobre o desenvolvimento de narrativas de crianças, destaca-se o de Karmiloff-Smith (1986), por ter configurado a existência de três fases, relacionadas com o desenvolvimento cognitivo da criança. Na primeira, que vai até os 5 anos, ela usa os pronomes deitivamente para se referir a pessoas e objetos representados nas gravuras, mais descrevendo-as do que narrando. Seu comportamento é engendrado por procedimentos localizados, de

solução de tarefas tomadas individualmente. Na segunda fase, dos 5 aos 8 anos, a criança dá evidências de operar com uma representação do todo do discurso, usando a estratégia de sujeito temático como um fio de Ariadne para obter uma organização global. Há pouca descrição e, nesse sentido, ela parece se concentrar no *FG*. Seu comportamento é engendrado por processos metacognitivos, de estratégias descendentes de monitoramento. Por fim, na terceira fase, após os 8 anos, a criança se aproxima do padrão adulto, sendo capaz de construir uma estrutura global e, simultaneamente, de apresentar descrições mais ricas e informações complementares. Nesta fase, ela apresenta clara interação entre processos ascendentes e descendentes, controlando a organização local e global da narrativa.

Com base nessa caracterização do desenvolvimento da criança, este trabalho pretende explorar as seguintes questões. O número de orações de *BG* aumenta com a idade? Esse aumento tem um padrão linear ou está, de alguma forma, relacionado com as fases descritas por Karmiloff-Smith? Que características podem ser associadas à construção do *BG* por crianças? Para responder à primeira e à segunda perguntas, contamos o número de orações de *BG* por idade. Para responder à terceira, examinamos os tipos e o número de orações que ocorrem no *BG*, bem como a distribuição de formas verbais, considerando os tempos, os modos indicativo e subjuntivo, e as vozes ativa e passiva.

## Metodologia

Os sujeitos da análise são 36 crianças, divididas em seis grupos (de 4 a 9 anos), cada um com três meninos e três meninas, e um grupo de seis adultos (três homens e três mulheres, entre 20 e 35 anos). As crianças freqüentavam pré-escola ou escola, onde a coleta foi realizada. Tais dados foram extraídos do *corpus* analisado por Zilles (1992 e 1995).

A tarefa foi contar uma história baseada em um livro de gravuras (Furnari, 1990). Os sujeitos desconheciam o livro, e a narrativa foi produzida à medida que observavam cada gravura pela primeira vez. Assim, as narrativas refletem os esforços dos sujeitos em construir um todo coerente sem conhecimento prévio da seqüência de ações/fatos.

As gravuras sugerem uma narrativa típica, permitindo, de acordo com Labov (1972), a apresentação de orientação, conflito,

ação, resolução e situação final. As gravuras, no entanto, não são ricas em detalhes e não favorecem a descrição de cenários, causando, inclusive, para as crianças, certa dificuldade de identificação dos referentes.

As 42 narrativas foram divididas nos planos discursivos *FG* e *BG*, conforme as características antes descritas. Na análise do *BG* foram computadas todas as orações, exceto as repetidas idênticas. Além disso, analisaram-se os tipos de orações (simples, coordenadas, principais ou subordinadas) e as formas verbais utilizadas para construir o *BG*.

## Resultados e discussão

De modo geral, conforme a tabela 1, a análise revela que o total de orações do *BG* aumenta dos 4 aos 5 anos, cai de forma bastante acentuada aos 6 e 7 anos e volta a crescer a partir dos 8 anos, até se aproximar dos padrões adultos. Os resultados mostram um comportamento discrepante entre as idades de 5 e 8 anos, revelando uma curva em U durante a segunda fase descrita por Karmiloff-Smith, quando a criança reorganiza os procedimentos de uso da linguagem adquiridos anteriormente. Nesse período, parece que ela prefere simplesmente contar a história sem muitos floreios, limitando-se, principalmente, às orações do *FG* para construir a estrutura global da narrativa. A partir dos 8 anos, o número de orações volta a subir destacando a fase em que a criança é capaz de construir histórias coesas e ricas em *BG*, aproximando-se dos padrões adultos.

Já na análise dos tipos de orações (tabela 1), podemos observar o desenvolvimento gradativo da complexidade sintática do *BG*. Aos 5 anos, a frequência de períodos simples é mais elevada, o que pode ser um indicio do período em que as crianças justapõem os enunciados, produzindo sentenças simples sem fazer referências intralingüísticas.

Tabela 1  
Frequência dos tipos de orações no *BG*

	4 anos		5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		adultos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Períodos simples	6	26	15	40,5	9	30	4	19	10	32,2	7	14	6	9,5
Or. coordenadas	10	43,4	11	29,7	10	33,3	6	28,5	5	16,1	12	24	17	26,9
Or. principais	4	17,3	4	10,8	5	16,6	1	4,7	4	12,9	9	18	7	11,1
Or. subordinadas	3	13	7	18,9	6	20	10	47,6	12	38,7	22	44	32	50,7
Total	23	100	37	100	30	100	21	100	31	100	50	100	62	100

O alto índice (43,4%) de orações coordenadas aos 4 anos parece reafirmar a posição de Karmiloff-Smith (1981:312), que considera este tipo de estrutura como sendo de aquisição precoce pelas crianças. O percentual dessas orações diminui nas idades subsequentes, quando outras construções vão sendo usadas.

As orações subordinadas apresentam um desenvolvimento gradativo. Aos 4 anos, o número destas orações é bastante reduzido em relação aos outros tipos de orações e às outras idades. Já o índice de 47,6% aos 7 anos, próximo ao padrão adulto, poderia ser considerado indicio da aquisição tardia de sentenças complexas e/ou de suas funções na construção da narrativa.

A tabela 2 apresenta a frequência absoluta das formas verbais por idade. Considerando, inicialmente, o número total de ocorrências por forma verbal, vemos que o tempo verbal predominante no *BG*, em português, é o pretérito imperfeito (em negrito na tabela).

Tabela 2  
 Freqüência das formas verbais utilizadas no BG por idade

	4 anos	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	adultos	Total p/ f. verbal	
Presente			5	2			2	3	12
Presente Progres.			2						2
Pretérito Perfeito			1	3	2	9	4	5	24
Pret. Imperfeito	16	18	21	19	9	23	26	26	132
Pret. Imp. Progres.	3	3	1		1	2	1	1	12
Pret. M.Q.P.			1			1	1	1	3
Futuro						1		1	1
Futuro do Pret.						1	1	1	2
Infinitivo		1	1	5	2	4	4	4	17
Particípio	1	1		1	2	1	4	4	10
Gerúndio				2	4	5	4	4	15
Passiva de ação								1	1
Passiva de estado	3	1	1	2	3	4	6	6	20
Presente do Subj.								1	1
Imperfeito do Subj.						1	3	3	4
Futuro do Subj.									
N.º de f. verbais	4	8	7	6	7	12	13	13	

Na tabela 2, vemos que a variedade de recursos utilizados aos 7 anos é bem menor do que aos 9 anos, quando essa diversidade já se aproxima dos níveis adultos. Formas verbais complexas como pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo aparecem somente aos 9 anos, vindo ao encontro da afirmação de Karmiloff-Smith (1981, 1986) de que estruturas complexas são adquiridas mais tarde. A seguir, apresentamos um exemplo de uma narrativa de menina de 9 anos, subdividida em FG e BG.

De repente apareceu o dragão e ela ficou muito espantada com o que viu. Ela pegou um pau e começou a dar no dragão. Ele começou a rosnar para ela. Daí ela pegou e foi botar a mão ali e ela parou de dar com o pau nele. Daí ela formou uma grade	Uma vez uma menina estava sentada embaixo de um morro de areia.
O dragão viu	para que o dragão não pegasse ela.
E saiu para lá para bem longe dela. A menina de repente ficou olhando.	que não conseguia pegar ela
De repente apareceu um homem	Mas olhando o quê? Que será que ela estava olhando?
Ele tirou um dos paus	e ela estava sentada e ficou olhando para ele.
Ela saiu. Ele fez uma fogueira para ela. E os dois ficaram em volta da fogueira. E daí o dragão se foi embora e ficou parado num morrinho de areia. E ficou sozinho.	que formava uma grade para o dragão não pegar ela.

A análise mostra, portanto, que o BG das narrativas das crianças de até 5 anos é mais simples na medida em que elas utilizam estruturas menos complexas e recursos lingüísticos limitados. Já o BG das narrativas das crianças de 6 a 8 anos parece refletir o período de reorganização antes mencionado: as narrativas são menos ricas em detalhes, sugerindo que as crianças estão mais concentradas na construção de uma representação interna da narrativa, de modo a apresentar um todo integrado. Assim, a estrutura global da narrativa fica restrita, basicamente, às orações do FG. Por fim, o BG das narrativas a partir dos 8 anos é rico em recursos lingüísticos, e sua complexidade sintática aproxima-se dos níveis adultos, não ocorrendo qualquer dificuldade na apresentação das informações num todo integrado.

## Conclusões

Os resultados desta análise mostram que, na tarefa de narrar a partir de gravuras, as crianças apresentaram um padrão de desenvolvimento não linear no número de orações no BG. Esse padrão pareceu-nos compatível com as fases propostas por Karmiloff-Smith. Há, aos 5 anos, um comportamento discrepante, que aparenta competência, seguido de um recuo. Especialmente aos 7 anos as narrativas são mais enxutas, sugerindo que a criança está concentrada na construção do FG. Aos 9 anos, contudo, dado o número de orações e a diversidade de recursos empregados, a criança se aproxima bastante do padrão adulto. É nesse momento que emprega futuro do presente, futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo, formas verbais de aquisição mais tardia, características de complexidade discursiva no contexto da narrativa. Também aí o número de orações subordinadas aponta nessa direção.

Devemos reconhecer, por fim, que essa análise tem caráter bastante preliminar. Seria necessário examinar detalhadamente a constituição interna do FG, o número de orações, o emprego das formas verbais e realizar comparações, para que se pudesse ter uma visão mais adequada do desenvolvimento. Além disso, seria necessário comparar estes dados com os de narrativas produzidas depois que a criança já conhecesse a história, bem como com dados de outras histórias, inventadas ou coletadas de outras maneiras. Somente esse conjunto permitiria caracterizar a contento o desenvolvimento do BG, aqui apenas esboçado.

## Referências bibliográficas

- BARDOVI-HARLIG, K. A narrative perspective on the development of the tense/aspect system in second language acquisition. In: *Studies in Second Language Acquisition*, n. 17, p. 263-291, 1995.
- FURNARI, E. *A menina e o dragão*. Belo Horizonte: Formato, 1990.
- HOPPER, P. J. Aspect and Foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.), *Syntax and semantics: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979, v. 12, p. 213-241.
- KARMILOFF-SMITH, A. The grammatical marking of thematic structure in the development of language production. In: DEUTSCH, W. *The child's construction of language*. London: Academic Press, 1981, p. 121-147.
- . Some fundamental aspects of language development after age 5. In: FLETCHER, P., GARMAN, M. (eds.) *Language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 455-474.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-396.

ZILLES, A. M. A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos. Porto Alegre: PUCRS, 1992. Tese de doutorado.

———. Estruturas marcadas em narrativas de crianças: VS com função apresentativa. In: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOL - Linguística*, v. 2, p. 1289-1298, 1995.